

Um só mercado de trabalho, oportunidades diferentes...



Sandra Ribeiro
Presidente da Comissão
para a Igualdade no
Trabalho e no Emprego

» Os números têm um poder que as palavras não têm! A taxa de atividade em Portugal, no ano de 2010, manteve-se nos 61,9%, decorrente do aumento da taxa de participação das mulheres (56,3%) e da diminuição da dos homens (67,9%), originando que o diferencial entre estes se continue a esbater.

Quanto à taxa de emprego, situou-se nos 65,6% (61,1% para as mulheres e 70,1% para os homens), tendo diminuído 0,7 p.p. face ao ano anterior. Os decréscimos foram de -1 p.p. para os homens e de -0,5 p.p. para as mulheres.

A maioria da população Portuguesa empregada possui o 3.º ciclo do ensino básico, mais concretamente 70% são homens e 59,6% são mulheres. A população licenciada empregada é predominantemente feminina (21,5%, face a 12,4% para os homens), o mesmo acontecendo com o ensino secundário (18,9%, face a 17,5% para os homens). No entanto, são as categorias que correspondem a um nível de qualificação mais baixo aque-

las que apresentam uma taxa de feminização mais elevada, designadamente “profissionais semiqualiificados” (60,4%), “não qualificados” (55,6%) e “praticantes/aprendizes” (51,7%). Continua, pois, a ser nos níveis de qualificação médios que se verifica o maior aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho.

Somando os dados da Administração Pública com os do sector privado, conclui-se que, em 2010, 46,8% dos cargos de chefia foram exercidos por mulheres, sendo de referir que, na Administração Pública, 53% de todos os tipos de cargos de direcção (direcção superior e intermédia) são exercidos por mulheres, mas apenas 35,1% dos cargos de direcção têm titulares femininos.

Por outro lado, o desemprego feminino continua maioritário, ultrapassando os 54% do universo total, sendo a maioria das mulheres desempregadas provenientes do sector da indústria do vestuário (88,7%) e da agricultura (55,9%). Por seu lado, a construção (89,7%), os transportes e armazenagem (76%) e o comércio, manutenção e reparação de veículos automóveis e motociclos (75,6%), representam a maior parte da proveniência do desemprego masculino.

Quanto às remunerações, refira-se que as mulheres auferiram cerca de 82,2% da remuneração média mensal de base dos homens, sendo que o rácio entre a remuneração das mulheres e a dos homens com a categoria de quadros superiores é de 71,5%, em relação à remuneração média de base, enquanto nos níveis de qualificação mais baixos essa proporção é maior, nomeadamente entre praticantes e aprendizes (94,2%) e profissionais não qualificados/as (88,6%). Ou seja, o diferencial salarial aumenta conforme vai aumentando a escolaridade, sendo menor para quem possui o 3.º ciclo do ensino básico (79,7%) do que para

quem possui uma licenciatura ou mais (68,8% na remuneração média de base).

Por fim, refira-se que face ao número total de crianças nascidas em 2010 (101.800), 57% dos homens gozaram licença parental obrigatória, 48,9% gozaram licença parental facultativa e 24,2 partilharam pelo menos 30 dias de licença parental com as mães dos filhos. Por seu turno, 81,5% das mulheres que foram mães receberam subsídio por licença parental de 120 ou 150 dias.

Os números têm um poder que as palavras não têm, por mais belas e bem empregues que possam ser. Os números têm o poder de mostrar a realidade nua e crua, sem subterfúgios. E estes números mostram que as oportunidades no mercado de trabalho e na conciliação entre a vida profissional e familiar ainda são profundamente determinadas pelo sexo e por persistentes preconceitos, mas mostram também que está em curso uma verdadeira revolução que se prende com o progressivo, contínuo e resiliente aumento do número de mulheres licenciadas ou com escolaridade secundária completa, e se este facto ainda não se reflete no mercado de trabalho é única e exclusivamente por razões de discriminação de género, mas isso vai mudar, mais que não seja por necessidade de sobrevivência económica da nossa sociedade, é uma questão de tempo.

Em jeito de aviso à navegação, sugiro que se aposte, o quanto antes, em políticas de Recursos Humanos vocacionadas para a diversidade de género, que permitam o desenvolvimento de talentos sem quaisquer obstáculos em função do sexo e que, definitivamente, se ataque o problema do abandono escolar masculino. ●

NOTA: Os dados estatísticos deste texto foram disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística e pelo Gabinete de Estudos e Planeamento (Quadros de Pessoal).



SANDRA RIBEIRO
 Presidente da Comissão para
 a Igualdade no Trabalho e no
 Emprego
 sandra.ribeiro@cite.gov.pt



IGUALDADE DE GÉNERO: MITO OU REALIDADE?

Este pequeno artigo pretende esclarecer que a igualdade de género não é um assunto de mulheres, mas sim um assunto de homens e mulheres. Este é o primeiro mito a cair.

Simone de Beauvoir publicou *O Segundo Sexo* há mais de 60 anos, dando a conhecer ao mundo a teoria de que “Ninguém nasce mulher, mas sim torna-se mulher.”

Nesta obra de dois volumes, em que o primeiro tem exactamente o subtítulo “Facto e mito”, recorrendo à História, Filosofia, Economia, Biologia, bem como a alguns *case studies* e experiências particulares, a reputada filósofa pretendeu demonstrar que a própria noção de feminilidade não passa de um determinismo inventado pelos homens e consentido pelas mulheres, que as conduz à autolimitação. A principal mensagem deste livro é a de que todas as mulheres podem e devem formar o seu próprio ser e escolher o seu próprio destino, mesmo que seja o de cumprir um papel tradicional, se for esse o escolhido por ela e só por ela.

Quando foi publicado, e durante muitos anos, este livro foi considerado por uns como blasfémia, por outros como um hino ao feminismo.

Em 1976, numa entrevista a um reputado jornal francês, a autora dizia que as

mudanças pelas quais lutara toda a sua vida não se realizariam durante a sua presença na terra mas “[...] talvez dali a quatro gerações.”

Ainda não passaram quatro gerações desde a sua morte mas falta pouco, tão pouco que podemos arriscar e dizer que a previsão de Simone Beauvoir pecou por defeito e que serão precisas ainda mais gerações para que a igualdade de género esteja plenamente atingida no mundo dito desenvolvido.

A tradição e preconceitos que ainda reinam entre nós continuam, em muitos casos, a considerar o homem como o principal “ganha-pão” da família e a mulher aquela de quem se espera que sacrifique a carreira profissional para dar mais atenção à família. Ou seja, o sexo só por si, independentemente do talento, continua fortemente a determinar, ou a poder determinar, as aspirações profissionais e familiares, consoante se é homem ou mulher.

Contudo, é importante reconhecer que muito mudou desde o final dos anos 60 do século XX e as mudanças são de tal forma acentuadas que nos permitem afirmar, com

certeza, que a igualdade de género não é um mito, pois os mitos são alegorias, e a igualdade é alcançável, é tangível, muito embora seja ainda longo, e feito de muitos combates, o caminho a percorrer.

Hoje em dia, as mulheres, e também os homens, gozam de liberdade de escolha sobre a forma como querem viver as suas vidas, mas o que ainda se verifica é uma diferença substancial entre “capacidade de escolha” e “poder de escolha”. Ou seja, ter liberdade de escolha muitas vezes não se traduz numa escolha livre. Algumas escolhas são incrivelmente difíceis, como por exemplo a escolha que a maioria das mulheres enfrenta no chamado mundo desenvolvido, entre ter filhos quando o deseja ou manter o seu emprego, com possibilidade de progressão na carreira ou o exercício de cargos de direcção e poder. Algumas destas “escolhas” podem ser dramáticas. O seu impacto na vida de uma mulher é seguramente diferente daquele que se fará sentir na vida de um homem. Ora, este tipo de escolha raramente é verdadeiramente livre e é, muitas vezes, profundamente cruel, arrastando consequências pessoais